



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Nascimento Costa do, Eurípedes; Justo Sterza, José
Vidas Errantes e Alcoolismo: Uma Questão Social
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 13, núm. 3, 2000, pp. 529-538
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18813320>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Vidas Errantes e Alcoolismo: Uma Questão Social

Eurípedes Costa do Nascimento^{1, 2}

José Sterza Justo

Universidade Estadual Paulista/Assis

Resumo

O fenômeno da errância, impulsionado por motivos sócio-econômicos ou mesmo por razões pessoais, provoca profundas transformações no plano psicossocial. A presente pesquisa se propôs a investigar as razões que levam o indivíduo à vida errante, com a vida sedentária e o papel que o alcoolismo exerce nesse processo de deserção. Foram entrevistados doze indivíduos que fazem uso de bebidas alcoólicas, albergados numa Instituição Assistencial da cidade de Assis, SP, sendo a seguir realizada, posteriormente, a análise de conteúdo. Os resultados mostraram que a morte dos pais, os conflitos familiares e a necessidade de "esquecer problema" têm sido um dos principais motivos para a ruptura com o sedentarismo. O uso do álcool, no "trecho", é utilizado para lidar com a necessidade de "esquecer problema", maior encorajamento e apaziguar conflitos remanescentes. Os conflitos afetivos que possuem como epicentro a infidelidade conjugal.

Palavras-chave: Alcoolismo; errantes; família; infidelidade conjugal.

Roamers Lives and Alcoholism: A Social Question

Abstract

The roving phenomenon moved on by personal, social or even economical reasons brings along deep changes in the individual's life plan. The purpose of this research was to investigate both the reasons that take the roamers to the roving life and the function that the alcoholism has in this desertion process. Twelve people addicted in alcohol were interviewed from an Assistential Institute in Assis, São Paulo State – Brazil, were interviewed. Afterwards, the interview data went to a content analysis. The results showed that the parents' death, the familiar conflicts and the unemployment have been the main reasons for the rupture with the sedentarism. The use of alcohol in the trajectory has been attributed to the need of forgetting problems, getting more courageous and pacifying remaining conflicts, usually the family conflicts. The affective conflicts that have the marital infidelity as the epicenter.

Keywords: Alcoholism; roamers; family; marital infidelity.

O alcoolismo tem sido uma das maiores preocupações da saúde pública no mundo, estando associado a diversos outros problemas como: mortes no trânsito, desentendimentos familiares e afetivos, separação de casais, sendo, também, companheiro inseparável de homicídios, espancamentos de crianças e mulheres, deserção do trabalho, da escola, etc.

São numerosas as tentativas para se compreender o alcoolismo. Alguns autores acreditam que suas causas estão associadas a um complexo conjunto de fatores

lugar que o indivíduo ocupa na sociedade. Além disso, bem como dependendo das condições de vida vividas na infância, ele pode desenvolver o alcoolismo em sua personalidade (Vaillant, 1995/1999).

Dentro de uma perspectiva teórica, diversos trabalhos têm sido realizados no campo do consumo de bebidas alcoólicas. Alguns autores apontam que as influências ambientais são o fator preponderante para a iniciação no consumo

Na esfera psicológica é possível localizar, ainda, outro conjunto de fatores associados ao uso do álcool. Certos traços de personalidade aparecem vinculados ao alcoolista, como por exemplo: regressão emocional, imaturidade, instabilidade, ansiedade, insegurança e fraqueza do ego como ressaltaram Van Kolck, Tosi e Pellegrini (1991) e Sonenreich (1971). Trata-se, ainda, segundo Van Kolck e colaboradores, de sujeitos dependentes, tímidos e fugidios, com medo de tomar iniciativas e de assumir responsabilidades onde a fantasia pode se apresentar como fonte de satisfação ou como refúgio possível da frustração das aspirações intelectuais. Deste modo, o álcool funcionaria como um mecanismo de fuga do indivíduo devido ao seu sentimento de inadequação, encoberto por ideais de grandeza, certo perfeccionismo e exibicionismo, apresentados face à sua auto-imagem negativa. Uma outra característica do alcoolista é a sua incapacidade para assumir responsabilidades num relacionamento amoroso permanente, segundo Sonenreich. Castro e Silva Filho (1993) apontam, também, que em decorrência das complicações psíquicas como a irritabilidade, agressividade, prejuízo na compreensão e alteração da visão de mundo, o alcoolista vai provocando dificuldades no seu relacionamento familiar que se vão agravando com o tempo.

Para Alonso-Fernandez (1991), os alcoolistas apresentam os seguintes traços em comum: a vivência da solidão, a desesperança e a imposição do presente anônimo e passivo. No tocante à vivência da solidão, Alonso-Fernandez chama a atenção para a condição de isolamento do sujeito desde a infância devido à omissão do “outro” em oferecer-lhe amor. Deste modo, o “outro” é visto pelo alcoolista como um ser onipotente e ameaçador que pode e quer destruí-lo, desencadeando, assim, um conjunto de reações emocionais que nutrem seu sentimento de inferioridade física, psicológica e intelectual, fazendo com que o alcoolista recorra sempre à insinceridade como mecanismo de defesa na sua

às frustrações, remetendo o sujeito a uma situação de repressão como forma de defesa por não conseguir lidar com as tensões emocionais produzidas pela pressão das necessidades individuais.

O alcoolista passa, então, a viver esta situação de forma anônimo e passivo sem dispor de recursos pessoais ou planificadoras que o direcionem ao futuro, buscando a prosperidade, sujeitando-se à necessidade de se adaptar, aprisionando ao estado de desesperança, onde a realidade que, em alguns casos, pode até culminar em suicídio.

Melman (1993) interpreta o alcoolista como um indivíduo marcado por uma insatisfação constante com a vida, devido a sua não realização pessoal na sociedade. Ele procura no álcool o refúgio para alcançar a felicidade, pois, sua existência se apresenta, na realidade, marcada por uma sensação de insuportabilidade e sofrimento.

Num outro trabalho Melman (1992) discute a dependência relativa do alcoolista em relação à família feminina da qual espera sempre a satisfação emocional absoluta. Nesse sentido, Melman aponta que o discurso do alcoolista se modula por uma necessidade particular ao lugar de seu exclusivo e exclusivo, enquanto detentora e distribuidora de recursos, cuja totalização seria para ele sempre insatisfeita e “dissimulada” (p.16). O autor comenta, ainda, que parece fazer falta ao alcoolista é o reconhecimento e respeito dentro da própria constelação familiar.

Em nossa pesquisa sobre o fenômeno do alcoolismo na sociedade contemporânea, constatamos que o uso do álcool é bastante comum entre os “trecheiros”. O “trecheiro” é aquele sujeito que trabalha de forma volante e temporária ou que transita de uma cidade a outra, caminhando pelas estradas ou se deslocando com passagens não concedidas por entidades assistenciais. A condição “trecheiro” é tipicamente marcada pela ausência de estabelecimentos de vínculos afetivos e sociais, sendo o indivíduo marcado por uma

Ainda segundo o autor, as mudanças ocorridas no plano social, econômico e político, comumente chamados de globalização, impulsionam o indivíduo a grandes movimentações impedindo sua fixação em territórios psicossociais estáveis. Desta forma, o sujeito é estimulado a desertar da vida sedentária e buscar no nomadismo os meios para a sua sobrevivência.

Snow e Anderson (1992/1998) apontam, ainda, que o desemprego, a falta de apoio familiar e as desavenças conjugais são os principais motivos que levam os sujeitos a romperem com a vida sedentária. Os autores acreditam que a fragilidade dos vínculos sociais se origina principalmente nas circunstâncias sociais precárias em que esses vínculos se formam e se mantêm. São sujeitos colocados fora das disposições estruturais de um dado sistema social, ou que voluntariamente se afastam dos padrões de comportamento dos membros que têm *status* e função dentro daquele sistema.

Merton (1968), citado por Snow e Anderson (1992/1998), considera a questão da vida errante como uma estrutura social anômica. Segundo esse autor, a associalização decorre da falta de capacidade do sujeito para competir na sociedade em função de repetidos fracassos no mundo social. Snyder (1954) compreende o alcoolismo como uma conduta desviante e, nesse sentido, nos dizeres do autor, os alcoolistas são pessoas anômicas – desorganizadas, vazias, angustiadas, compulsivamente independentes e que desconhecem toda autoridade.

Castel (1995/1998) ao analisar a modernidade a partir da instituição do salário, considera que a produção do individualismo, mediante a retirada de proteções sociais, tem sido um dos principais agentes causadores da desfiliação e aponta que o colapso do desemprego vem acompanhado da ausência de relações sociais mais amplas. Conforme Castel, o enfraquecimento da condição dos salários se dá em função da substituição da rigidez do trabalho pela flexibilidade das tarefas devido à

nenhuma qualificação profissional. O autor considera de individualismo

Nesse sentido, parece que os sujeitos são excluídos e dos errantes constata-se limitadas. É um mundo social escolhido pela grande maioria não inicialmente, mas para a qual por circunstância além de (Anderson, 1992/1998).

O alcoolismo entre os “*tracheiros*” como uma das expressões mais marcantes na sociedade atual. Aí encontramos a desterritorialização sócio-geográfica e outras condições próprias desse grupo.

Levando-se em consideração o uso de álcool entre os errantes, este trabalho investiga as razões que levam os sujeitos a abandonar a vida sedentária e o papel desse processo de deserção.

Método

Participantes

Foram tomados como participantes doze “*tracheiros*”, do sexo masculino, com uso de bebidas alcoólicas. Os dados foram coletados junto ao Centro de Referência e Encaminhamento Migrante de São Paulo. Trata-se de uma Instituição Asilado para o recolhimento de toda a população em situação de rua pela cidade: desempregados, moradores de rua, mendigos, pessoas em busca de emprego, problemas psicológicos e outros.

Instrumentos e Procedimentos

Esta pesquisa utilizou um questionário aplicado mediante o consentimento informado dos participantes e a utilização de um gravador de áudio.

investigar os motivos, as causas e influências que levaram ou ainda levam o sujeito à ingestão alcoólica, como, também, conhecer as suas perspectivas futuras. Inclui ainda o levantamento de relacionamentos sociais e afetivos estabelecidos antes do processo de ruptura, relacionamentos esses associados ao trabalho, família e vida afetiva, especialmente no tocante à vivência da fidelidade e infidelidade, conforme ilustra a Tabela 1.

Após a coleta dos dados, as entrevistas gravadas foram transcritas na íntegra e submetidas, posteriormente, a uma análise de conteúdo proposto por Bardin (1979). Tal método consiste em uma leitura flutuante do *corpus* (pré-análise), separação e identificação dos temas abordados em unidades de sentido (análise temática) e agrupamento dos temas em categorias e subcategorias. A aplicação das

entrevistas durou em média, t aproximadamente. A idade dos entrev 24 a 53 anos e o tempo no “*trecho*” de anos, conforme ilustra a Tabela 2.

Resultados

Dividimos os resultados em acompanhados de suas respectivas c modo, no *Bloco I* os temas emergentes em três categorias gerais: a) os motivos *trecho*; b) estilo de vida; c) vida no *trecho*. temas referentes ao alcoolismo foram ag categorias gerais: a) o uso do álcool, futuras.

Tabela 1. Roteiro de Entrevistas

<i>Bloco I</i>
1. Quanto tempo faz que você está no <i>trecho</i> ?
2. Como era a sua vida antes de entrar no <i>trecho</i> ?
3. O que te levou a escolher o <i>trecho</i> ?
4. Quais são as rotas que você percorre no <i>trecho</i> ?
5. Quais são os valores, as normas e algumas leis no <i>trecho</i> ?
6. Quais são as vantagens e desvantagens no <i>trecho</i> ?
7. Como você sobrevive no <i>trecho</i> ?
8. Compare a sua vida anterior e a do <i>trecho</i> ?
9. Você tem intenção de voltar à vida sedentária?
10. Você ainda possui algum tipo de vínculo com sua família?
<i>Bloco II</i>
11. Que idade você começou a fazer uso de bebidas alcoólicas?
12. Como foi seu primeiro contato com o álcool?
13. Havia outras pessoas que bebiam na sua família?
14. O que te levou e leva até hoje a fazer uso de bebidas alcoólicas?
15. Como você consegue a bebida?
16. Que tipo de bebida você utiliza?
17. Na sua vida você já teve alguma desilusão amorosa?
18. Como é seu relacionamento com as mulheres?
19. Você já traiu ou foi traído por uma mulher?
20. Você acha que consegue parar de beber? Por quê?

Bloco I - Motivos de Escolha no *Trecho*

As razões apontadas pelos sujeitos para a deserção da vida sedentária, parecem estar relacionadas com a desestruturação da constelação familiar e afetiva, permeadas por desavenças e pela falta de trabalho. Os relatos apresentados pelos sujeitos nessa categoria geral permitiram-nos analisá-los em duas subcategorias:

Conflitos familiares: os desentendimentos com os pais e as desavenças no núcleo familiar - brigas com a esposa e filhos – é um dos principais motivos apontados pelos sujeitos para a ruptura com a vida sedentária e início no “*trecho*”. Parece, portanto, que as relações familiares ocupam um papel importante na vida desses sujeitos. Exemplos:

“Trabalhava, tinha minha mulher, minha filha, daí eu briguei com a minha mulher... discutimos e nós separemo, né. Daí voltei pra casa e aí não deu certo, também, daí peguei e sai...” (Participante 3).

“Aí, me separei oito anos depois, tenho duas filhas, tenho uma casa em São Paulo que deixei para as filhas, né, aí... depois da separação, segui meu rumo, trabalhar um pouco numa cidade, outro pouco noutra e assim vou andando...” (Participante 5).

Morte dos pais: um outro motivo encontrado nos relatos dos sujeitos associado a sua iniciação no “*trecho*”, refere-se à perda de suas referências sócio-afetivas no núcleo familiar originário. Tais perdas, culminam na falta de um lugar fixo para viver, agravando a condição de pobreza extrema decorrente do desemprego que se sobressai como um fator preponderante no processo de deserção. Exemplos:

“Um dos motivos é a necessidade. Depois que parti pro trecho, que eu saí da minha família... aí o motivo mais é trabalho e procurar uma luta... eu andava bem com minha família, depois teve outras desavenças e eu perdi meu pai e minha mãe” (Participante 5).

“(...) foi naquele tempo que eu trabalhava, né, depois perdi minha mãe, meu pai e fiquei desgostoso, sem ter lugar pra morar” (Participante 4).

“Foi a separação da mulher, foi ter brigado em casa, né, com meu pai e saí correndo de um lado e outro... meus pais moravam em Santos. Meu pai é falecido e minha mãe também. Meu pai morreu aqui no Paraná e minha mãe morreu atropelada em Santos” (Participante 3).

fixo e residência, e outros, pe de-obra, um trabalho volante é percebida por eles como detrimento da atual. Exemplo

“Ah! Rapaz, antes eu tinha assim... vidona, boa assim que m assim, normalizada, né meu. Tinha coisas... Trabalhava, chegava à tomar seu banho numa boa, u (Participante 4).

“Eu já tive carro, uma serralbe agora pra Londrina eu consigo dar um serviço e tudo mais... e sair dessa (3).

“Olha, antes eu trabalhava o numas firmas e sou músico, teclado ser humano que eu sou” (Particip

Depois: O cotidiano do “*tr* como difícil, instável e ins desamparo social ao qual está trabalho regular e das incertezas o provimento das necessidades agasalho, abrigo. Exemplos:

“Vantagem? De jeito nenhum falta de serviço, falta de comida, de geral, não dá nem pra explicar” (P

“(...) só tem desvantagem, não ou em algum lugar e ficar, trabalho sossegado...” (Participante 2).

“Você tá no trecho, não sabe a sede, não tem nada fácil...” (Parti

Vida no *Trecho*

Esta categoria procurou n que o “*trecheiro*” estabelece no compreendidos nas seguintes familiares, sobrevivência, sexo submetem e as rotas percorrida vida no “*trecho*” é marcada pela indiferenciação, isolamento, do todo contato com a rede so

“De vez em quando eu telefono pra uma cunhada minha perguntando por eles. Quando eles confirmam a ligação a cobrar, né. Vai fazer um ano que eu não vejo eles [pais]” (Participante 9).

“Perdi o contato com minha família... tem muitos deles que não sei nem o endereço. Alguns endereços velhos, já não moram mais, então fica difícil. Faz muito tempo que a gente não tem contato com a família” (Participante 10).

Sobrevivência: a vida no “trecho”, por todas as dificuldades de encontrar trabalho, leva o sujeito a pedir para sobreviver. A maioria encara qualquer tipo de trabalho quando encontra – os chamados “bicos” – sendo as árvores e os postos de gasolina, as principais referências para o abrigo diário. Exemplos:

“Eu peço uma ajuda, uma roupa, um calçado... Eu durmo embaixo de árvore, uma casa abandonada se achar...” (Participante 2).

“Se a gente achar um trabalho a gente faz, só que às vezes é obrigado a pedir... então quer dizer, estamos matando a fome... Pra dormir, tem de chegar em posto de gasolina, compreendeu, porque hoje pode ver essas fazendas aí já não tem mais casa” (Participante 8).

“Qualquer serviço que eu posso fazer eu faço. Muitas vezes eu peço pra não roubar porque se roubar, vai preso, né. Pra dormir, quando não acha posto de gasolina, a gente dorme embaixo de uma árvore mesmo” (Participante 9).

Sexualidade: as relações sexuais no trecho parecem ter pouca importância na vida desses sujeitos. Ela ocorre casualmente em certos casos e, em outros, ela é quase inexistente. Geralmente, os relacionamentos sexuais são mantidos com as mulheres do “trecho”, porém, alguns sujeitos quando conseguem algum dinheiro, procuram as casas de prostituição à beira da estrada ou nos locais afastados da cidade. A preocupação de se proteger contra doenças sexualmente transmissíveis, também aparece nos relatos dos sujeitos. Exemplos:

“Nós encontra, só que nós não pega não... Mulher a gente encontra em qualquer lugar, só que a gente não mexe com esse tipo de coisa, é perigoso, é arriscado, doença...” (Participante 2).

“Eu tenho assim... relação com mulher quando tô no serviço, na boa, tendo meu dinheirinho, tem uns lugar que eu vou... em boate, esse negócio, mas mulher do trecho, não” (Participante 4).

“Não existe um relacionamento mais íntimo... porque é o seguinte: no trecho, ninguém sabe quem é quem e o parceiro tá tá tão perdido é

coisa, o outro já não pensa isso aí, o motivo é esse... fazer é a gente mesmo” (Participante 4).

“Mas dentro do trecho, é uma desunião total. Cada um tem sua consideração, é cada um pra si porque não existe o outro” (Participante 6).

“A lei é que ninguém pode pegar o que o outro tem, amanhã pode ser o contrário. Isso aí é uma coisa na bola com ninguém...” (Participante 9).

Rotas percorridas: as estratégias de sobrevivência utilizadas pelos sujeitos parecem girar em torno de cidades que apresentam características semelhantes quanto à oferta de trabalho, com as cidades do norte do Paraná e do estado de São Paulo. Tal circularidade na função da existência, nessas localidades, é feita através de trabalho volante como o corte de cana, café e os serviços braçais da agricultura geral. Essas regiões embora tenham intrínseca sazonalidade nas lavouras a mecanização da mão-de-obra pelos sujeitos como lugares ainda possíveis de ganho financeiro, apesar de apresentarem sazonalidade empregatícia. Exemplos:

“(...) de repente, tenho uma informação, né, (PR), que tem serviço e tal e a gente vai lá ver... Eu tô pra ir pra Maringá (PR), né... de qualquer jeito de a pé e tal...” (Participante 7).

“(...) eu venho vindo agora de Jataizinho (PR), depois cheguei em Pongai (SP), de lá, pra cá... lá eu vou pra Garça (SP) porque lá tem a colheita de milho, alguns dias começar, né, tem carpição e tudo” (Participante 8).

“Já passei em Bauru (SP) e lá tem uma safra de cana, ano, de junho pra frente, também é bom de se trabalhar. Passo também em Botucatu (SP), Ourinhos (SP) e lá pra Londrina...” (Participante 3).

Bloco II - Uso do Alcool

As influências dos pais ou amigos na infância bem como as frustrações ocorridas no período de adolescência aparecem como uma das principais causas para o sujeito a iniciar-se no uso de bebidas alcoólicas. “trank” é uma das palavras usadas para se referir ao álcool.

sabe, provar sua masculinidade frente ao grupo. Exemplos:

“Ah! faz tempo. Eu bebo desde os 15 anos. Minha mãe é que bebe mais... eu comecei a beber na casa da minha tia. Ela bebe até hoje, bebe bastante... eu bebo por livre e espontânea vontade mesmo. Bebo cerveja, pinga, o que vier eu bebo” (Participante 1).

“Eu comecei com uns 10 anos de idade. Meu pai também bebia... minha mãe é que bebia mais e eles bebiam era cachaça mesmo... Eu comecei no meio da molecada... que fazia aquela fogueirinha na rua de casa...” (Participante 3).

“Olha meu primeiro contato com o álcool foi com 10 anos de idade... Eu me lembro que eu fui pra uma roça de amendoim...Então, foi justamente nessa roça que eu acabei tomando bebida alcoólica. A partir daí, eu comecei a gostar da bebida... conhecendo colegas em festinhas...” (Participante 11).

Motivos do uso do álcool: conforme a análise dos relatos, os motivos apontados para o uso do álcool no “trecho” estão associados à necessidade de esquecimento de frustrações do passado, principalmente, decorrentes da infidelidade da mulher na relação conjugal. Perdas significativas na vida do sujeito (morte dos pais, separação da esposa e dos filhos, por exemplo) e necessidades de encorajamento para vencer a timidez, também aparecem como importantes motivos para o uso do álcool na errância. Deste modo, devido à insuportabilidade de sua condição atual de vida (pobreza extrema, isolamento social, desemprego, etc.), o álcool parece atuar como um apaziguador desses conflitos. Exemplos:

“Mas no trecho, eu bebo é pra esquecer problemas porque o trecho é duro, né, passa fome, monte de coisas, tem que pedir e com umas pingas na cabeça dá mais coragem...” (Participante 12).

“Desgosto demais na vida, não ter um lugar fixo pra ficar, então a gente bebe por causa disso... eu peguei ela com um cara em cima de minha cama... Eu tomo um conhaquinho, uma cachaça pra gente esquecer os passado...” (Participante 2).

“No trecho eu bebo é pra ficar animado mesmo, pra sair na batalha. Bebo porque às vezes, não tenho coragem de falar uma coisa sem beber, aí já tomo duas e falo... então o motivo é esse, pra criar coragem e pedir pra comer...” (Participante 9).

Percepção da bebida: a maioria não admite o consumo

eu fiquei muito desgostoso é que eu não consigo beber...” (Participante 4).

“Parar a gente pára. É que não dá pra beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. Já consegui beber...” (Participante 9).

Perspectivas Futuras

Apesar de todos os motivos apontados para a ruptura com a família, falta de um lugar fixo, desemprego, mão-de-obra precária, desentendimentos com esposas, a fomenta o sonho de voltar ao Brasil e reconstituir família, morar em um lugar fixo.

Discussão

O fenômeno da errância parece estar associado a um complexo de fatores que modelam o mundo contemporâneo. A globalização, a flexibilização do trabalho, a informatização e automação da produção, a substituição da sociedade industrial pela de serviços, a virtualização da realidade, a dispersão, o individualismo, a aceleração do tempo e a expansão do espaço têm exercido um papel considerável na desterritorialização do sujeito e na sua impulsão para o nomadismo.

No entanto, um dos motivos marcantes em toda a trajetória de vida desses indivíduos para se iniciarem no “*trecho*” foi o desemprego e a exigência de qualificação de mão-de-obra exigida atualmente pelo mercado. Impossibilitados de concorrer num mercado de trabalho cada vez mais competitivo, gradativamente, são impulsionados para a marginalização social ficando desprovidos de qualquer referência social-psicológica.

Deste modo, os “*trecheiros*” parecem estar incluídos entre aqueles que Castel (1995/1998) considera como desfiliaados da sociedade. Segundo o autor, a competitividade no mercado de trabalho, os baixos salários e o excesso de mão-de-obra especializada e disponível acaba criando uma sociedade cada vez mais individualista e segregatória onde trabalhadores com pouca qualificação profissional são confinados a uma desfiliação social por não preencherem as novas exigências instituídas pela sociedade atual. À beira desse “*abismo*” social, são empurrados e condicionados a um individualismo negativo porque são declinados em termos de falta: falta de consideração, falta de seguridade, falta de bens garantidos e de vínculos estáveis.

Incapazes, portanto, de pertencerem à essa nova ordem social em que predomina o individualismo instituído pelo mercado, onde o indivíduo se apresenta como um ser moral, independente, autônomo e não-social, os “*trecheiros*” se enquadram como um ser

na sociedade, pois, após repetidos fracassos na vida social, os andarilhos renunciam tanto à sociedade, quanto ao meio legítimo de sobrevivência, tornando-se indivíduos assocializados.

Além da questão do desemprego, outro componente norteador de toda a trajetória dos “*trecheiros*”, outros motivos também aparecem como significativos para a desfiliação social com o sedentarismo. Trata-se da morte dos sonhos, dos desentendimentos com esposas e filhos, os acontecimentos estão diretamente correlacionados à questão da falta de empregos e pobreza, onde as cobranças sociais vão pressionando o indivíduo a arcar com o ônus da vida sedentária (trabalho doméstico, sustento dos dependentes, etc.), o que o impulsiona para a deserção e a errância, levando-o à solidão e o isolamento no “*trecho*”.

De fato, como mostram os resultados da pesquisa e como já salientaram Snow e Powell (1998), parece que a falta de apoio dos familiares e dos fatores preponderantes para a ruptura do indivíduo com o nicho social no qual está inserido. Os indivíduos não têm uma família a quem recorrer quando se acham desempregados, são vitimados por cortes de benefícios.

Projetados, então, para uma existência solitária, seu modo peculiar de vida na condição de errantes sustentado por esse individualismo absoluto que impera é a lei do *cada um para si*, tanto nas relações interpessoais como nas outras relações sociais no “*trecho*”. Enfrentam numerosas situações de insegurança e de precariedade que se traduzem em uma vida estremecida, feito de buscas inquietas e incertas dia a dia. Embora situados nessa condição de pobreza, a grande maioria mantém, ainda que esporádicos, os laços com os familiares e fome de retornar ao sedentarismo. Esses dados corroborem outros trabalhos realizados por Justo (2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025).

situação, sempre procuram restringir ao máximo suas relações interpessoais e se refugiam na solidão e na individualidade.

O uso do álcool na vida desses sujeitos parece iniciar-se na infância estimulado pelo próprio meio familiar, principalmente pela influência do pai. A importância da roda de amigos aparece, também, como um dos fatores preponderantes para o início do consumo de bebidas alcoólicas, associado, talvez, à necessidade do sujeito impor sua masculinidade frente ao grupo na qual convive. Esses resultados confirmam os dados encontrados com certa frequência na literatura que assinalam que a família e os amigos são um dos principais motivadores, na vida do indivíduo, para o início do consumo de bebidas alcoólicas (Araújo, 1995; Braga, 1977; Jorge & Ferraz, 1981; Silva & Cursino, 1995; Sonenreich, 1971).

Quanto aos fatores biogenéticos do alcoolismo, os dados dessa pesquisa não permitem considerar o consumo de álcool como um fator hereditário, mesmo porque foge das preocupações fundamentais desse trabalho. Entretanto, podemos argumentar, tal como assinala Vaillant (1995/1999), que famílias multiproblemáticas constituem para o sujeito a probabilidade maior de uma infância instável e infeliz onde a recorrência ao uso do álcool estaria associada à necessidade de refugiar das frustrações da realidade. Deste modo, o ambiente social do sujeito possa, talvez, contribuir também para o uso de bebidas alcoólicas, mesmo que não haja uma herdabilidade gênica para o alcoolismo. Poderíamos falar, então, de uma “predisposição ambiental” como propõe Cloninger (1987) e não somente os fatores genéticos como uma das grandes responsáveis na incidência do alcoolismo.

Parece haver, então, uma estreita vinculação entre problemas familiares e sociais com a anomia. Snyder (1954) já salientara que as desigualdades na estrutura social, contribuem para a conduta desviante do sujeito cuja recorrência ao uso do álcool estaria relacionada a busca

No “*trecho*”, os motivos são atribuídos pelos próprios sujeitos para esquecer problemas e adquirir prazer diante das condições precárias de vida. O passado promissor que a maioria dos sujeitos parece ser um peso insuportável. O consumo de bebidas alcoólicas aparece como um mecanismo de defesa e fuga da realidade com a qual não conseguem lidar satisfatoriamente.

As necessidades de luto e de encorajamento, assinalada no caso dos mendigos, parece colocar-se em primeiro plano. Os *trecheiros*: tanto naquele como neste grupo, a falta de comunicabilidade constitui um obstáculo para a sobrevivência. Eles não pedem para sobreviver e não tentam utilizar o recurso muito utilizado pelos mendigos nessas condições.

Entretanto, o principal motivo para utilizar o álcool no “*trecho*” é a busca de esquecer problemas, principalmente, por causa da infidelidade da mulher na maioria dos casos. Anderson (1992/1998) também assinala que o trabalho que as desavenças com a ruptura com a vida sedentária. O passado promissor parece ser um peso para o sujeito carregar consigo num momento de crise.

A importância da mulher aparece em primeiro plano. A prisão de aprisioná-lo no presente também assinala Alonso-Fernandez (1995) que o sentimento de solidão decorre da traição da mulher aparece como uma grande tragédia ocorrida na vida. A impressão de ter sido um acontecimento que outros também associam a pobreza, o desemprego e a falta de perspectivas. De maneira, poderíamos pensar que a busca de esquecer problemas e adquirir prazer

alcoólica. Esses dados comprovam a hipótese de Snow e Anderson (1992/1998) ao destacar que os andarilhos recusam a oportunidade de se unir a um grupo para beber.

A grande maioria dos sujeitos também nega o consumo abusivo da bebida e, talvez, utilizam a insinceridade como mecanismo de defesa em tais situações (Van Kolck e cols., 1991). Todos os sujeitos de nossa pesquisa afirmavam que bebiam pouco e com certo controle antes das entrevistas e que decidiram abandonar o álcool após entrevistados. Embora não tendo sido verificado, posteriormente, se tal decisão declarada de abandonar o uso do álcool foi ou não efetivada pelos sujeitos, o fato de todos terem feito essa afirmação, e de modo repentino, sugere a ocorrência da conduta de “*insinseridade*”.

Motivados por ideais de grandeza onde há o predomínio da fantasia, as perspectivas futuras do sujeito estão relacionadas ao sonho de retornar ao sedentarismo ou de ainda saírem vitoriosos, embora sua atual condição de vida não proporcione algumas possibilidades para tamanha idealização. Nesse aspecto, podemos verificar que os “*trecheiros*”, embora sejam sujeitos tipicamente marcados pela exclusão e adversidades, mantêm certa esperança ou ideais de reconstituir família, moradia e empregos fixos. Esse dado contrasta com aqueles encontrados por Alonso-Fernandez (1991) que coloca o alcoolista numa situação de desesperança marcada pela indiferença e pelos fantasmas de insucessos anteriores causados pela ausência de tolerância às frustrações. É necessário, no entanto, ponderar que essas duas pesquisas não são diretamente comparáveis porque se diferenciam quanto à população e amostragem.

Essencialmente, poderíamos finalizar esse tópico de discussões salientando que parece haver uma interligação entre o desemprego, a falta de apoio familiar, a infidelidade, o alcoolismo e a vida errante. Muitos dos “*trecheiros*” estão nessa condição de vida porque não possuem rede alguma de apoio familiar viável a qual

Referências

- Alonso-Fernández, F. (1991). A personalidade preta (pp. 41), 19-30.
- Araújo, L. B. (1995). O uso do álcool como ritual de iniciação para a idade adulta: Alguns aspectos indícios de prevenção ao abuso do álcool [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Resumos de comunicações científicas* (p. 41). Ribeirão Preto: SBP.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bertolote, J. M. (1997). Problemas sociais relacionados ao álcool. Em S. P. Ramos & J. M. Bertolote (Orgs.), *Alcoolismo e toxicomania* (pp. 131-138). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Braga, M. C. (1977). *Caracterização de um grupo de alcoolistas*. Dissertação de Mestrado não-publicada. Departamento de Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ.
- Castel, R. (1998). *As metamorfoses da questão social: Uma história social* (Org. de R. Poletti, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1973).
- Castro, H. M. & Silva Filho, W. M. (1993). Avaliação da intervenção ao alcoolista no município de Carapicuíba. *Revista de Psicologia*, 29(1), 1-10.
- Cloninger, C. R. (1987). Neurogenetic adaptive mechanism. *Science*, 236, 410 - 416.
- Jorge, M. R. & Ferraz, M. P. T. (1981). A percepção da realidade leva ao alcoolismo e à internação. *Boletim de Psicologia*, 25(1), 1-10.
- Justo, J. S. (1998). Errâncias e errantes: Um estudo sobre a vida errante. Em J. S. Justo & R.Y. Sagawa (Orgs.), *Rumo à vida errante* (pp. 125-139). São Paulo: Arte & Ciência.
- Kolck, O. L. V., Tosi, S. M. V. D. & Pelegrini, T. F. (1991). Alcoolismo crônico. *Temas*, 21(42), 374-382.
- Melman, C. (1992). *Alcoolismo, delinquência e toxicomania*. São Paulo: Escuta.
- Melman, C. (1993). Alcoolismo e toxicomania: Uma análise. *Temas*, 23(45), 41-49.
- Silva, R. C. & Cursino, E. A. (1995). O consumo de álcool por adolescentes: Dados sobre o consumo e consequências. [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Resumos de comunicações científicas*, XXV Reunião Anual de Psicologia. Ribeirão Preto: SBP.
- Snow, D. & Anderson, L. (1998). *Desafortunados: Um estudo sobre a vida errante* (S. Vasconcelos, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1992).
- Snyder, C. (1954). Ebriedad, alcoholismo y anomia. Em C. Snyder (Org.), *Anomia y conducta desviada* (pp. 181-197). Buenos Aires: Editorial Losada.
- Sonenreich, C. (1971). *Contribuição para o estudo da vida errante*. São Paulo: Editora do autor.
- Vaillant, G.E. (1999). *A história natural do alcoolismo* (Org. de J. A. L. dos Santos, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1995).